

Identidade feminina no jornal *Esquema Oeste* (1975) ¹

Walquiria de LIMA²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava - PR

RESUMO

A pesquisa analisa a construção da figura feminina na cidade de Guarapuava/PR, por meio da leitura de exemplares do jornal local *Esquema Oeste* no ano de 1975. Em toda a década de 1970, ocorreram lutas pela igualdade entre homens e mulheres. Em 1975, a Organização das Nações Unidas declarou o “Ano Internacional da Mulher”, com debates e conferências a respeito das condições femininas. A pesquisa fundamentou-se em leituras sobre as relações entre jornalismo e memória, representação feminina na mídia e os conceitos de contrato de leitura, de Charaudeau e Verón.

PALAVRAS-CHAVE: jornal; memória; mulher; Guarapuava.

Introdução

A década de 1970 é marcada pelo fortalecimento dos movimentos pelos direitos de igualdade de gênero e muitos autores conceituam como uma década muito importante para as conquistas femininas. Os jornais e revistas das décadas anteriores destinavam espaço para as mulheres com receitas, vestuário, entre outras notas relacionadas aos afazeres domésticos, já que a mulher deveria, basicamente, saber cuidar da casa e do marido. Entretanto, a partir da década de 1970, o espaço destinado à mulher começa a mudar, e seus valores, lentamente, alteram-se.

Em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) organizou o “Ano Internacional da Mulher”. Foi realizada uma conferência na Cidade do México em que se discutiu a igualdade entre os sexos, a integração da mulher no desenvolvimento e a promoção da paz. Outras conferências se seguiram debatendo os direitos das mulheres a partir de 1975, já que a década foi considerada a “Década da Mulher”.

Este estudo investiga como se deu esse momento histórico em Guarapuava, cidade no centro-sul do Paraná, considerada como um local de valores conservadores. Para isso,

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 3º ano do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unicentro, bolsista do Programa de Iniciação Científica (BIC) da Unicentro, email: wal_lima12@hotmail.com.

³ Professora orientadora do projeto de Iniciação Científica da Unicentro, email: everlypegoraro@gmail.com.

analisa-se o jornal *Esquema Oeste* no ano de 1975. Observa-se como a mulher está representada no jornal, em quais espaços do periódico ela aparece e de que maneira a figura feminina de Guarapuava é construída.

Jornalismo e memória

Existem muitas maneiras de se investigar o passado. Nos relatos orais, em fotografias, cenas de filmes de época e nas páginas dos jornais. Para estudar o passado, é preciso saber o que ocorreu, como e por quais motivos (BARBOSA, 2007). É por isso que o jornalismo é muito utilizado para pesquisas históricas. “A mídia é o principal lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas” (RIBEIRO, 2005, p.115).

A história do Brasil e a imprensa caminham lado a lado. Segundo Martins e Luca (2008), a imprensa é objeto e sujeito da história brasileira, ao mesmo tempo. E isso, segundo Barbosa (2007), pode ser explicado pelo fato de tanto a história quanto o jornalismo contarem histórias. Além disso, existe uma postura crítica presente no jornalismo, fundamental na construção da história. Para Barbosa (2007), não basta rememorar o passado, é preciso interpretá-lo.

O jornalismo é, também, delimitador daquilo que pode ter relevância histórica. Ao fazer uma seleção do que é importante no dia, o jornalista está assinalando o que será estudado como história no futuro. Segundo Ribeiro (2005), mais importante que o fato noticiado em si, é como o jornal se posicionou perante isso: a importância dada, a forma com que foi escrita a notícia. A simples escolha de pauta pode explicitar uma opinião do jornal. “Uma página de jornal é um reflexo vivo das contradições da realidade social no corte de um dia” (RIBEIRO, 2005, p.125).

Construir a história da imprensa é uma tarefa complexa. É preciso levar em conta o dito e o não dito. E entender que aquilo que foi noticiado está permeado de relações sociais e culturais, como pontua Barbosa (2007). Não se pode esquecer o papel político da mídia em muitos tempos históricos e, também, seu papel de controle social.

Portanto, conforme Teixeira (2014), “a imprensa não deve ser vista como espelho da realidade e sim como espaço de representação de momentos particulares de realidade.” (TEIXEIRA, 2014, p. 81). Assim, ao analisar um jornal como fonte histórica, é preciso levar em conta o momento em que se vivia e a relação do jornal com a sociedade.

A década de 1970: contextualização histórica

O governo militar, a partir de 1964, reforçou o machismo presente na sociedade brasileira. Em busca de legitimidade perante a população, os militares criaram programas de alfabetização, de assistência médica e de habitação. Esses programas eram destinados aos chefes de família, única autoridade reconhecida pelo governo. Eles falavam por esposa e filhos. Segundo Del Priore (2008), as mulheres eram tratadas apenas indiretamente como cidadãs, já que suas vozes só eram ouvidas por meio de interlocutores masculinos.

Sempre houve mulheres que lutaram por seus direitos e dos demais. O silêncio em suas vozes foi interrompido entre 1979 e 1985, segundo Del Priore (2008). A partir dessa data, as queixas de discriminação saem do âmbito doméstico e pautam novos direitos para as mulheres.

Grupos de mulheres conseguem criar um novo estilo de reflexão, de mobilização, de debate frente aos tradicionais parâmetros da cultura sindical. Conseguem também, aos poucos, penetrar nos vértices das estruturas de representação tradicionalmente ocupados por homens, nas diretorias das organizações sindicais, partidos políticos, associações, comitês, etc. (DEL PRIORE, 2008, p.645)

Segundo Coelho (2002), a maior conquista feminina foi o direito ao trabalho. Desde a Segunda Guerra Mundial, quando os homens foram aos campos de batalha, as mulheres passaram a ocupar espaço em trabalhos que iam além do doméstico. Na Revolução Industrial, elas já tinham sido inseridas nas fábricas, ainda que ganhando menos que os homens. No Brasil, em 1962, foi instituída a lei nº 4.121, que permitia que a mulher trabalhasse fora de casa, mesmo sem a permissão do marido.

Lipovetsky (2000) conceitua três fases distintas da mulher. A terceira refere-se à “mulher moderna”. Ela deixa de depender do homem e passa a participar de todas as esferas da vida. Entretanto, o autor chama essas mulheres de indeterminadas, já que homens e mulheres sofrem as mesmas angústias e têm os mesmos anseios. Conforme Duarte (2009), apesar das conquistas, a mulher continua ligada às suas funções tradicionais. Agora, ela concilia seu papel de esposa, mãe, dona de casa com o trabalho fora de casa. A Terceira Mulher seria a “hipermulher”, para Lipovetsky (2000), já que ela assume vários papéis. Pode-se dizer que, durante a década de 1970, a mulher no Brasil passa pela transformação entre a Segunda e a Terceira Mulher: entre a mulher educada para ficar em casa e a mulher que se desdobra em várias facetas.

A década de 1970 é um período de crise no jornalismo impresso. Segundo Barbosa (2007), no Rio de Janeiro, muitos jornais deixaram de circular. Alguns motivos levantados pela autora para isso são o preço do papel de imprensa, as perseguições políticas da ditadura militar sofridas por jornais e jornalistas, a própria organização dos jornais, que por vezes dependia de políticos para sua manutenção financeira e, por fim, questões culturais: a imagem passa a se sobressair às palavras, e assim, domina o universo do público. Além disso, para o público, o jornal impresso perdeu sua característica de crítico da sociedade.

A perda da característica historicamente determinante da amplificação discursiva dos jornais – a polêmica política – é fundamental para a quebra de referências de identificação do público. Se a discussão política, a polêmica, as controvérsias estão definitivamente longe do jornalismo diário, o público também não encontra mais os parâmetros culturais aos quais tradicionalmente identificam os jornais diários na sua formação narrativa (BARBOSA, 2007, p. 199)

Outro fator a ser analisado é a Ditadura Militar que o Brasil enfrentava ainda na década de 1970. Segundo Nascimento (2014), ela foi aplaudida por grande parte da imprensa brasileira. No Paraná, os militares foram “recebidos com calorosas saudações” por alguns jornais e com “cautela” por outros (NASCIMENTO, 2014, p.165).

Os jornais caminharam sempre muito próximos do regime militar, saudando, comemorando, assessorando detalhadamente cada feito, sempre num clima de excessiva exaltação. Nessa trajetória se faz ouvir a voz do dono da empresa jornalística. Os termos desse apoio são negociados pelas partes, empresa jornalística-governo militar. (NASCIMENTO, 2014, p.169)

Ainda de acordo com a autora, os jornais perdem seu caráter investigativo e passam a noticiar aquilo que é entregue pronto aos repórteres. Essa é uma característica que se assemelha ao que Barbosa (2007) aponta ser um dos motivos da crise do jornalismo impresso: o quase desaparecimento de seu caráter crítico. Que, como se observa, foi impulsionado pela Ditadura Militar.

Se para o jornalismo a década de 1970 foi de crise, para as mulheres foi uma década de conquistas. As lutas pela igualdade feminina ganharam força nesse período. Em 1975, a ONU organizou o “Ano Internacional da Mulher”. Foi realizada uma conferência na Cidade do México em que se discutiu a igualdade entre os sexos, a integração da mulher no desenvolvimento e a promoção da paz. Com o tema sendo discutido em todo o mundo, a ONU decretou o período de 1975 a 1985 como a “Década da Mulher”.

No Brasil, em 1975, criou-se o Centro da Mulher Brasileira, que tinha como finalidade intermediar os objetivos feministas e torná-los ações coletivas. Também com o

Centro da Mulher Brasileira, surgiram grupos de estudos que promoveram seminários, discussões e pesquisas sobre a condição da mulher.

No mesmo ano, acompanhando as discussões do movimento pela igualdade das mulheres, surgiram os grupos feministas. Esses grupos discutiam, principalmente, os papéis das mulheres na sociedade. Para Del Priore (2008), as discussões a respeito do feminismo que foram apresentadas na década de 1970 foram fundamentais na luta e nas conquistas das mulheres.

Deve ser reconhecida sua importante contribuição no processo de redemocratização, através de suas reivindicações para que sejam mudados os códigos jurídicos já definitivamente superados e sejam promulgadas leis mais coerentes com a efetiva atuação econômica e social da mulher; [...] Além disso, provenientes, sobretudo dos grupos de mulheres de classe média, donas de casa ou profissionalizadas, várias mobilizações aglutinam orientações culturais e ideológicas diversas em torno da luta contra a violência, a opressão e a discriminação da mulher. (DEL PRIORE, 2008, p. 649-650).

Chamada de “Nova onda do feminismo”, essa fase teve lutas tanto pela igualdade feminina quanto pelo fim da Ditadura Militar. De acordo com Sarti (2004), as lutas pelos direitos femininos no Brasil na década de 1970 foram marcadas por serem consideradas, também, lutas políticas, e causaram repercussão em toda a sociedade brasileira, Sarti (2004) afirma que “[...] embora influenciado pelas experiências européias e norte-americana, o início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964.” (SARTI, 2004, p. 36)

No Paraná, nas décadas de 1950 e 1960 encontra-se uma mulher representada como no restante do país: educada para ser boa esposa, mãe e dona de casa. Entretanto, a partir do final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, observa-se uma mudança no papel feminino na sociedade. Segundo Alves (2009):

[...] na década de sessenta, mais que nas anteriores, a sociedade brasileira – e a paranaense não seria tão diferente – encontraria uma mulher mais madura politicamente para avocar certas responsabilidades que não se limitasse à luta pelo sufrágio, bandeira – de perfil burguês – empunhada pelas militantes feministas na metade do século XIX e início do século XX. (ALVES, 2009, p.120)

A cidade de Guarapuava passa por um processo de modernização durante o período que vai dos anos 1950 a 1970, de acordo com Tembil (2007):

O crescimento da atividade madeireira, aliada, na sequência à intensificação do fluxo migratório resultante da vinda dos suábios na década de 1950, e do alargamento das fronteiras agrícolas que atraiu contingente populacional do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e outras cidades do Paraná, nas décadas de 1960 e 1970, modificou substancialmente a vida da cidade guarapuavana, uma vez que implicou transformações nas bases produtivas e na posse de terra que, até então, fundava-se na relação ‘latifundiário-proletário rural’. (TEMBIL, 2007, p. 116)

A construção da estação ferroviária, em 1940, e a chegada do trem em Guarapuava em 1954 foram os marcos da modernização da cidade e, conforme Tembil (2007), “traduzia a expectativa da elite guarapuavana na inserção de Guarapuava no crescimento econômico do país” (TEMBIL, 2007, p.120). Entretanto, o restante da população via a chegada do trem com temor. Principalmente por aqueles que vinham do interior da cidade. Acreditava-se em lendas de que, assim que se ouvisse o silvo do trem, a cidade seria destruída por uma enorme serpente que vivia no subsolo de Guarapuava. Segundo a autora, essa situação demonstra o desacordo entre a vida moderna que se buscava e os antigos valores ainda fortemente presentes na cultura local. Ela pontua que, em fins da década de 1960 e na década de 1970, a modernização atingiu a agricultura regional.

Até a década de 70, a população rural era maior do que a urbana. Entretanto, as novas relações no campo acabaram por criar uma nova configuração urbana; surgiram trabalhadores rurais assalariados que, juntando-se aos operários das serrarias, compuseram um contingente consumidor que dinamizou o comércio. (TEMBIL, 2007, p.124)

Assim, para suprir as necessidades da população, as “casas de comércio” também se modernizaram. Os antigos armazéns foram substituídos por supermercados, farmácias, lojas de roupas, entre outras. A imprensa teve papel importante na construção da cidade moderna, de acordo com Tembil (2007). “Cada prédio que se erguia na cidade era motivo de comemoração, amplamente noticiada pelos jornais locais, demonstrando que o status urbano se convalidaria pela concentração e verticalização” (TEMBIL, 2007, p.143).

Portanto, a década de 1970 na cidade de Guarapuava é um período marcado pelo intuito da modernização, da verticalização e do crescimento urbano.

Mas o desenvolvimento da urbanidade nem sempre reflete diretamente na posição da mulher nesse mesmo espaço. Como dito anteriormente, a região de Guarapuava sempre foi tida como conservadora em seus costumes e valores, como reflexo da colonização identitária local. Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar como se deu esse momento histórico-cultural para as mulheres em Guarapuava, por meio da leitura de exemplares do jornal *Esquema Oeste* que circularam na cidade no ano de 1975, além de identificar quais

eram os valores e a identidade da mulher guarapuavana naquele período. A análise foi feita a partir dos questionamentos: como a mulher guarapuavana estava representada no Jornal *Esquema Oeste* em 1975 e em quais editorias a presença feminina era mais frequente.

Segundo Silva (2008), a elite guarapuavana, ou seja, quem dominava o poder aquisitivo da região, era formada por fazendeiros. A autora afirma que a “sociedade campeira [...] ocupa o topo da hierarquia social e econômica da cidade” (SILVA, 2008, p.23). Essa sociedade campeira se desenvolveu no início da colonização regional, com a facilidade da posse de terras, a extração da erva-mate e a pecuária. Assim, os fazendeiros se inseriam no comércio de gado e iam à Feira de Sorocaba (SP). De acordo com a autora, “formou-se uma hierarquia de classes entre eles mesmos, onde os mais ricos também eram os detentores da chefia política local, transformando os pleitos eleitorais em verdadeiras guerras de afirmação social”. (SILVA, 2008, p.26)

Como não havia boas estradas de ligação com outras cidades do Paraná, a economia da cidade desenvolveu-se solitária. Essa situação só mudou, parcialmente, a partir da abertura do Caminho das Missões, de acordo com Silva (1999).

A partir de 1950, a configuração econômica, política e social da cidade de Guarapuava se transformaram, assim como a elite local. De acordo com Silva, a partir dessa mudança, surgiu

[...] outra elite política trazendo em sua composição, num primeiro plano, a nova classe enriquecida com a exploração da madeira e ocupando posição menos destacada, os prestadores de serviços, como médicos, engenheiros, dentistas, professores e comerciantes. Essa elite política emergente assumiria o domínio da vida política da cidade, dali para diante. (SILVA, 1999, p.115)

Nesse contexto, o jornal era um importante veículo de comunicação da sociedade local.

O jornal *Esquema Oeste* e a mulher guarapuavana em 1975

O *Esquema Oeste* foi fundado em 1970 pelo jornalista Leonel Júlio Farah, na cidade de Guarapuava, na região centro-sul do Paraná. Circulou por aproximadamente 30 anos na cidade. O jornal era semanal e continha seis páginas em por edição. Na redação, atuavam dois repórteres, um profissional exclusivamente para cobertura do esporte e dois colaboradores. A última página era, na maioria das vezes, dedicada exclusivamente à cobertura esportiva. As matérias em geral não eram assinadas. A coluna *Fatos em destaque*

era uma das exceções. Farah posiciona o jornal como “livre e autêntico” (FARAH, 1975, p.1). No mesmo texto, o diretor diz acreditar na publicidade, não como um favor, mas como renda para o jornal. E pontua que Guarapuava, na época, era uma cidade em que manter um jornal com a publicidade era difícil. Para ele, o jornal deveria transmitir ao seu público informações corretas, levantar problemas e apontar soluções, contribuir com o debate e esclarecimento da opinião pública, entre outras qualidades de um bom jornal. Havia a presença de um número considerável de artigos opinativos, que variavam de edição para edição.

Para a análise do jornal aqui proposta, foram analisadas as edições de janeiro a dezembro de 1975 do *Esquema Oeste*, fazendo um panorama geral do jornal no ano de 1975. Parte-se do pressuposto de que “as matérias são exemplos de enunciações construídas no espaço público da imprensa que, por força dos efeitos de verdade que produzem, vêm a atuar na institucionalização social de sentidos sobre a mulher” (FERREIRA, 2007, p.58). Charaudeau (2007) afirma que comunicar é escolha. Escolhem-se palavras, conteúdos e como afetar o outro ao informar, ou seja, usa-se de estratégias discursivas. O discurso, de acordo com esse autor, é o “resultado da combinação das circunstâncias em que se fala ou se escreve [...] com a maneira pela qual se fala” (CHARAUDEAU, 2007, p.40). Isso significa, para a informação, a maneira da construção do sentido, sobre o saber que é transmitido e o efeito de verdade produzido no receptor.

O processo de sentido, de acordo com Charaudeau (2007), é construído com a linguagem do homem na troca social. Informar é descrever, contar e explicar um fato, assim, identifica e qualifica o fato, conta o que aconteceu e explica suas causas. O saber é “uma construção humana através do exercício da linguagem” (CHARAUDEAU, 2007, p. 43). Ele serve para tornar o mundo perceptível e pode ser voltado ao mundo, saberes de conhecimento, ou voltado a si mesmo, saberes de crença. De acordo com o autor, qualquer discurso depende do interesse social para existir. “A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (CHARAUDEAU, 2007, p. 67).

De acordo com Charaudeau (2007), o sujeito está sempre influenciado pelo contrato de comunicação, que resulta de dados externos e internos. Os dados externos são relacionados com os indivíduos que efetuam as trocas de linguagem. Estão divididos em condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de

dispositivo. A identidade, segundo ele, “é a condição que requer que todo ato de linguagem dependa dos sujeitos que aí se achem inscritos” A condição de finalidade é aquela que requer que todo ato de comunicação tenha um objetivo. A condição de propósito assinala que todo ato de comunicação se constrói “em torno de um domínio de saber”. Por fim, o discurso é aquela condição em que todo ato de comunicação se constrói “de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve” (CHARAUDEAU, 2007, p. 68-70).

O autor acrescenta que o contrato de comunicação tem sua finalidade dividida em duas lógicas: uma voltada ao fazer saber e outra ao fazer sentir. O fazer saber é o conteúdo produzido com o objetivo de informar as pessoas. Já o fazer sentir é aquele produzido seguindo a lógica comercial, em que é preciso captar clientes para se sobrepor aos concorrentes.

Verón (2004), foca seu olhar sobre os efeitos de sentido de um texto jornalístico. Segundo ele, uma mensagem não produz automaticamente um único efeito e sim um campo de efeitos de sentido. O autor afirma que “todo suporte de imprensa contém seu dispositivo de enunciação” (VERÓN, 2004, p.218). Na imprensa escrita, esse dispositivo é o contrato de leitura. Ele é formado por um enunciador que propõe ao destinatário que irá levá-lo a algum lugar.

O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas (VERÓN, 2004, p. 236).

Verón (2004) ainda pontua que certo dispositivo de enunciação produzirá diversos efeitos, variando conforme os receptores. Portanto, ao analisar um enunciado, não se deve esperar que ele produza o mesmo efeito em diferentes pessoas, mas, em contrapartida, ele nunca produzirá qualquer efeito. De acordo com o autor, nenhum efeito é automático, nem tem uma linearidade de causa/efeito, entretanto ele produzirá sem dúvidas um sentido e que não tem ligação com as características da mensagem.

A partir desses apontamentos, pode-se perceber que o jornal *Esquema Oeste* cria um contrato com o público masculino e não com o feminino. Toda a última página do jornal é dedicada ao esporte. Até mesmo as publicidades percebem-se ser voltada aos homens. As mulheres permanecem sendo retratadas nas colunas sociais. Pouco se vê delas sendo retratadas no trabalho fora de casa.

Não há presença de uma coluna dedicada às mulheres no jornal *Esquema Oeste* em 1975. Nas matérias analisadas não há nada a respeito do Ano da Mulher, declarado pela ONU. A mulher geralmente aparece ligada à educação, em anúncios de emprego em escolas ou como professora concedendo entrevistas.

A Secretaria Municipal de Educação solicita às normalistas interessadas em lecionar em um de seus estabelecimentos, que entrem em contato com o órgão no período normal de expediente, para preencher sua ficha e escolher a escola. Informa que existem vagas em vista do grande número de professoras leigas que ainda passam por treinamento para assumirem direção de classes. Já foram preenchidas as vagas nas escolas das localidades de Colibri, Xarquinho, Rocio, São Sebastião, Rio das Pedras e Campina do Guará. Para Lagoa Seca, o órgão precisa contratar quatro normalistas. Afora as escolas da área suburbana, a Secretaria recomenda a escolha de rede do Interior, pois empresas e serrarias muito bem motadas estão oferecendo todo apoio às novas mestras, facilitando inclusive a colocação do marido, se estas forem casadas. (ESQUEMA OESTE, 1975, p.3)

Nesse período, a profissão de professora era o espaço que abrangia uma parcela significativa das mulheres. Muitas eram educadas para serem professoras.

A mulher aparece frequentemente na coluna “Gente” e, posteriormente, na coluna “Fatos em Destaque”. Inicialmente, “Gente” funciona como coluna social, mas com pouco espaço. O que se noticia são nascimentos e aniversários.

Nasceu dia 6 último, em Guarapuava, a garotinha Juliana, primogênita do Casal Cimara – Gaetano Módica. À menina e seus felizes pais, nossos parabéns e votos de felicidades. Fazem anos esta semana os seguintes assinantes de ESQUEMA, aos quais externamos os nossos melhores cumprimentos. (ESQUEMA OESTE, 1975, p.5)

Em maio de 1975, o jornal comemora seu 5º aniversário e passa por mudanças a cada edição. A partir disso, a coluna “Gente” traz somente aniversários dos assinantes do jornal e surge a coluna “Fatos em Destaque”, que funciona como uma coluna social e é assinada por Ary Oliveira Jr. A partir de então, as mulheres aparecem com mais frequência retratadas nessa parte do jornal. É importante frisar que as colunas sociais são dedicadas aos “aristocratas guarapuavanos”, termo usado por Maria e Tembíl (2008), para designar a elite da cidade, ou “elite campeira”, formada principalmente por fazendeiros. Como afirma Maria e Tembíl (2008): “a coluna social viria ser um instrumento legitimador dos ideais de um grupo específico, de seus discursos e seus espaços, um instrumento legitimador de ideais desse grupo de fazendeiros.” (MARIA e TEMBIL, 2008, p.39).

Pode-se observar a representação das mulheres ligadas à sua beleza. Na edição de 8-14 de outubro de 1975, o jornal anuncia o baile das debutantes de Guarapuava. Esse evento

era de destaque para a sociedade local. Era um espaço de apresentação das moças à sociedade, e de legitimação delas. Segundo a coluna *Fatos em Destaque*, “o acontecimento de maior expressão da cidade”. Já na edição de 28 de outubro a 4 de novembro de 1975, na capa do jornal, retrata-se a “Rainha das Debutantes do Paraná”, a guarapuavana Leonorin Silvana Kaminski.



Figura 1 – A Rainha das Debutantes do Paraná na capa do jornal *Esquema Oeste* de 28/out – 04/Nov de 1975

Em outra edição, na coluna *Fatos em Destaque*, Ary Oliveira Jr. destaca a beleza da jovem guarapuavana e enfatiza que “Com a escolha de Leonirin Silvana Kaminski como Rainha das Debutantes do Paraná, Guarapuava vem evidenciando de maneira insofismável a beleza da mulher da nossa terra. Já é tempo de pensar em disputar novamente o Concurso de Miss Paraná”. (JUNIOR, 1975, p.5). Outro exemplo de exaltação da beleza feminina está na edição de 11-17 de junho de 1975, em que a fotografia da “Rainha da Soja” ocupa boa parte da capa.



Figura 2 – capa do jornal *Esquema Oeste* edição de 11-17/out de 1975

Esse retrato da figura feminina exaltando sua beleza é um reflexo do que ocorria em outras cidades do Paraná. De acordo com Alves (2009),

Todas as vezes que as mulheres eram colocadas em *foco* pelos mensários era para destacar sua beleza – os concursos de miss recebiam cobertura vip – sua vocação para as lidas do lar, sua acuidade no trato com os filhos, suas habilidades gastronômicas, que por vezes forjavam um caráter frívolo à mulher brasileira e em particular a Paranaense. (ALVES, 2007, p. 118)

Além de sua beleza e em ofertas de emprego, em outubro de 1975, a Associação de Senhoras de Rotarianos aparece na capa do jornal por doar a renda de uma de suas promoções para a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) da Guarapuava.



Figura 3 – capa do jornal *Esquema Oeste* edição de 8-14/out de 1975

Assim, figura-se a mulher como preocupada com o bem estar da sociedade. Na política partidária, elas não estão presentes. Em fevereiro de 1975, o jornal traz uma relação dos vereadores da cidade e nenhuma mulher é citada.

Portanto, o que se pode perceber, ao analisar o jornal *Esquema Oeste*, que nada se fala a respeito do contexto de discussões acerca do universo feminino que pautavam o ano de 1975. Apesar disso, a mulher de Guarapuava trabalhava fora do âmbito doméstico. O próprio jornal, em seu 5º aniversário, passa a ter em sua redação a presença de uma jornalista, Roselene Gomes Bantel, como redatora. Assim, a representação feminina no jornal em análise, passa lentamente por uma transição. Resquícios da mulher da década de 1950 ainda podem ser observados, bem como alguns poucos traços das conquistas femininas adquiridas ao longo da década de 1970.

Considerações finais

Ao analisar um jornal, é preciso compreender que havia motivos que levavam os jornalistas a tratarem os assuntos de uma ou outra maneira. Como afirma Teixeira (2014, p. 81), “ao representar a figura feminina, a imprensa constrói, projeta e estabiliza identidades sociais, tem processos definidos histórica e culturalmente”. A história das conquistas femininas passa por diversas fases ao longo da história e pode-se perceber que nem sempre essas conquistas chegam ao mesmo tempo em todas as partes de um mesmo país.

A década de 1970 ficou marcada, no mundo todo, como o início de muitas conquistas femininas. Em Guarapuava, essa década foi, também, de modernização na cidade. Entretanto, por meio da análise do jornal *Esquema Oeste*, por mais que a mulher estivesse inserida no mercado de trabalho na década de 1970, ainda era muito forte o discurso da mulher da década de 1950, exaltando sua beleza, como nos fragmentos apresentados.

Assim, a mulher de 1975 em Guarapuava por vezes era a Segunda Mulher de Lipovetsky (2000), endeusada por sua feminilidade e beleza e, em outras vezes, um esboço da Terceira Mulher, moderna, com afazeres dentro e fora de casa.

Referências

- ALVES, Luiz Felipe Nunes de. **Os anos 50 e 60 nas páginas de Panorama e Paraná em páginas: o conservadorismo da imprensa paranaense no contexto da guerra fria**. Curitiba, 2009
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil - 1990-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**. Niterói: EdUFF, 2007.
- CARVALHO, Débora Jucely. **A conquista da cidadania feminina**. Revista Multidisciplinar da Unesp, Saber Acadêmico, nº11, p.143-153. 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para a sua historia**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ESQUEMA OESTE. **Gente**. Guarapuava, p. 5. 12-18 fev. de 1975.
- ESQUEMA OESTE. **Município oferece vagas a normalistas**. Guarapuava, p. 3. 12-18 fev. de 1975.
- FARAH, Leonel Julio. **Coisas do jornalismo**. *Esquema Oeste*. Guarapuava, p. 1. 14-20 mai. De 1975.

FERREIRA, Lucia M. A. **Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa**. In: FERREIRA, Lucia M. A.; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

JUNIOR, Ary Oliveira. **Mais um título de beleza**. *Esquema Oeste*, coluna Fatos em Destaque, Guarapuava, p. 5, 5-11 nov. de 1975.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, Layse Pereira Soares do. **A imprensa paranaense e a ditadura militar: 1964-1974**. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Entre o público e o privado: Imprensa e Representação Feminina**. *Revista Encuentros, Universidad Autónoma del Caribe*, 12 (2), p. 79-92. 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar da história**. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Mídia, Memória & Celebidades*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

SARTI, Cynthia A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. *Revista Estudos Feministas, Universidade Federal de São Paulo*, 12 (2), p.35-50. 2004.

SILVA, Walderez Pohl da. **Guarapuava: crônica de uma cidade anunciada (1819 – 1978)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de São Paulo/Assis/Universidade Estadual do Centro-Oeste: Guarapuava, 1999

SILVA, Walderez Pohl da. **Entre Lustosa e João do Planalto: a arte da política na cidade de Guarapuava (1930 – 1970)**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2008.

MARIA, Maurício de Fraga Alves; TEMBIL, Márcia. **História cultural e elites locais**. In: SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçon. *Estudos em história cultural na região sul do Paraná*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2008.

TEMBIL, Márcia. **Em busca da cidade moderna: Guarapuava... Reconstruindo histórias, tecendo memórias**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2007.

VERÓN, Eliseo. **Fragments of a fabric**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.